

Em simpática apresentação gráfica, a Biblioteca del Vascello, em Roma, acaba de publicar (maio 1993) uma edição bilíngüe de dois contos de Mário de Andrade, "Primeiro de maio", que dá título ao voluminho, e "O Poço". O texto italiano é produto de competente trabalho de tradução de Andrea Ciacchi, jovem estudioso da literatura e da cultura brasileiras. São também dele a bio-bibliografia, bem atualizada, que antecede o volume, as notas, dirigidas ao leitor italiano, além de um curto e sugestivo posfácio.

Esses contos, terminados em 1942, estão inclusos no volume póstumo *Contos novos*, de 1956. A prosa de Mário de Andrade, neles, é depurada: elipses, fino uso do discurso indireto livre, escrita que mimetiza a oralidade, um jeito seu de buscar uma expressão brasileira. Tudo isso certamente constituiu óbices para o tradutor, que, tanto quanto posso julgar, desembaraçou-se bastante bem deles e apresentou uma tradução desenvolta. Cara a cara com ela, está o texto original, para não nos deixar mentir.

Problemas há, e deixo alguns apontados como contribuição para futuras melhoras. À p. 18, Mário de Andrade escreve: "Já passavam negras disponíveis por ali." Andrea limita-se a traduzir "negras" por "figliole". No original, a palavra escolhida contém indicação de sexo e cor; na tradução, de sexo e idade.

O "leitezinho caracu" (p. 46) não é "latte appena munto", tirado na hora; a metonímia, "leite de vaca da raça caracu", conseguiu neste caso ludibriar o tradutor.

Finalmente, o registro popular, caipira "— Farta... é só tá-tá seco" (p. 80), deve ser interpretado como "Falta só secar", isto é, no contexto, a lama foi removida, mas ainda não está concluída a tarefa. O tradutor propõe "- Macché... é asciutto, ormai", a meu ver inadequadamente.

Isto quanto à tradução, problemas menores como se vê. O fundamental numa tradução, no entanto, é que resulte um texto que, na nova língua, possa também ser considerado boa literatura. E isso parece que foi conseguido.

Quanto às notas: a terceira, relativa ao conto "Primeiro de maio" (p. 42), esclarece que a "revolução de 32" foi "a tentativa de rebelião de São Paulo contra o governo federal do Rio de Janeiro, que representava as oligarquias do Rio Grande do Sul e do estado de Minas Gerais". A simetria, se não a justiça, ou a verdade histórica, recomendaria que se escrevesse "a oligarquia paulista", mesmo com a ressalva do apoio popular.

A quinta, refere a "fama de zona boêmia" do bairro do Brás. Não é muito precisa a informação: o *Brás* era uma região sobretudo operária ou popular, como se pode ler no romance de Cecílio J. Carneiro, *Brás*, de 1956. Existiam, é certo, franjas de baixa prostituição em torno

da Estação do Norte, como de resto, em quase todas as estações, cais, etc, pontos de passagem, por aqui e pelo mundo afora.

A nota sobre a viola, p. 90, poderia ter sido redigida a partir do *Dicionário musical brasileiro*, do próprio Mário de Andrade, e ganharia maior precisão. A associação viola e repente é mais nordestina que do caipira paulista ou mineiro, ao contrário do que a nota pode sugerir. Seria também útil lembrar, nota 12, mesma página, que os apelidos da cachaça constituem legião. São miudezas que podem tornar o bom, melhor.

O ensaio que encerra o volume propõe que a obra de Mário de Andrade pode ser lida a partir dos temas da *viagem* e da *solidariedade*. É uma sugestão extremamente aberta: a viagem tem ressonâncias que remontam à *Odisséia*, história do "varão que astucioso [...] vagou de clima em clima, viu de muitas nações costumes vários". Andrea Ciacchi consegue uma aplicação criativa dessa proposta crítica na análise breve de "Primeiro de maio" e na de "O Poço", excessivamente breve. Naturalmente, o bom caminho não se esgota nesta primeira rota aberta. *E il vascello va*.

O final do ensaio instiga uma digressão: mesmo tendo experimentado como tradutor a maestria de Mário de Andrade nesses contos, refere-se a eles como obras "menores". Parece-me atuar aqui a influência desses coágulos críticos que são os "cânones". Mário de Andrade é ainda, apesar de tudo que se aprendeu depois, o autor de *Macunaima*: o resto é "menor". Não é verdade: contra esses coágulos temos o sangue novo não apenas dos textos revelados e recuperados pelas pesquisas que se vêm realizando no arquivo depositado no Instituto de Estudos Brasileiros, mas, sobretudo, pelo sangue novo dos novos leitores, dispostos a buscar na literatura respostas para os problemas presentes. Está mais que na hora de reler Mário de Andrade, não só o "modernista" de 1922, mas o escritor que, vinte anos passados, mesmo ano da conclusão daqueles contos, escrevia:

"Eu tenho desejo de uma arte que, social sempre, tenha uma liberdade mais estética em que o homem possa criar a sua forma de belezas mais convertido aos seus sentimentos e justiça do tempo da paz. A arte é filha da dor, é filha sempre de algum impedimento vital. Mas o bom, o grande, o livre, o verdadeiro será cantar as dores fatais, as dores profundas, nascidas exatamente desta grandeza de ser e de viver.

Há-de ser sempre amargo ao artista verdadeiro, não sei se artista bom, mas verdadeiro, sentir que se desperdiça deste jeito em problemas transitórios, criados pela estupidez da ambição desmedida."*

Zenir Campos Reis

Professor de Literatura Brasileira
FFLCH-USP

* ANDRADE, Mário de. *O Café*. Concepção melodramática (1933-11939-1942).